

O VALOR NA ECONOMIA DE FRANCISCO E CLARA

ANDREI THOMAZ OSS-EMER¹;
FLÁVIA CARVALHO CHAGAS²;
MANOEL VASCONCELOS³

¹Universidade Federal de Pelotas – andrei.thomazoss@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – flaviafilosofiaufpel@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – vasconcellos.manoel@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o objetivo de conceituar o valor de economias do bem viver (ACOSTA, 2016), pela sustentabilidade da vida e de relações cívicas que promovam a paz, o presente artigo foi publicado em italiano como capítulo de glossário, compondo uma contribuição teórica parte do projeto internacional de juventudes: *The Economy of Francesco*, que se reuniu entorno ao chamado de Francisco, o bispo de Roma, um dos maiores líderes políticos e religiosos da contemporaneidade. A tarefa de conceituar o valor neste modo de conhecer e viver a economia foi confiada ao nosso trabalho e atividade filosófica, representando uma contribuição teórica às ciências humanas. Tendo sido aceita a proposta da parte dos orientadores, trabalhou-se na pesquisa, discernimento de fontes e na proposição teórico-conceitual, ao mesmo tempo que pragmática e factível de um conceito fundamentado na tese de que fatos e valores estão intrinsecamente imbricados (PUTNAM, 2008), e na urgente necessidade apontada por SEN (1999), de que a aproximação entre ética e economia não só se faz necessária, mas é uma tarefa fundamental para propor relações socioambientais, portanto ecológicas, que cuidem da *casa comum* (FRANCISCO, 2015).

À factibilidade do cuidado com o meio ambiente, soma-se a proposição normativa que reconhece habitarmos todos a mesma casa, apontando a dimensão não apenas técnica da ecologia, mas também, e sobretudo, filosófica a partir da necessidade de fundamentar uma ética do cuidado com a vida em sua biodiversidade (PRIMAVESI, 1979). Trata-se de apresentar os valores presentes em uma ética não distante da vida, atenta sobretudo à dimensão comum da ecologia, ou seja, à necessidade de pensar a complexidade da vida na terra e o imperativo moral do cuidado com a vida, enquanto *princípio material da ética* (DUSSEL, 2012), no que tange à responsabilidade do ser humano e, consequentemente, da humanidade, tendo em vista o *bem comum* (HOUTART, 2011) de toda a espécie humana, enquanto habitante responsável pelo destino de nossas sociedades (SEN; KLIKSBERG, 2010). A proposição de filosofias do bem viver, cuja diversidade de valores não exime a necessidade de buscar pontos de encontro entre estes, vem ao encontro da urgência em atribuir sentido à vida em comunidade, uma dimensão da existência fortemente impactada pelas condições impostas pela pandemia da COVID-19.

2. METODOLOGIA

Para fins de fundamentação do conceito de valor desde a filosofia moral e política, os autores valeram-se da revisão bibliográfica de textos medievais, especificamente dos séculos XIII (FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS, 2014) e

XIV (BOAVENTURA, 1983), além de textos contemporâneos provindos de diferentes áreas do conhecimento, conforme elencados nas referências bibliográficas. Neste ínterim, pesquisar e apresentar o valor na Economia de Francisco e Clara (no Brasil temos recordado e atribuído valor à presença mística, feminina e, também, filosófica de Clara de Assis, a primeira mulher a seguir os passos de Francisco de Assis), relacionando os desafios contemporâneos a um período da história distante no tempo, que foi marcado pelo protagonismo destes e de milhares de outros seguidores do movimento nascente em Assis, é também resgatar os fundamentos solidários da economia, enquanto capacidade de gerir, cuidar e compartilhar os recursos naturais, que aqui são reconhecidos como dons, bens comuns. Com este fim, reler a história e as teorias políticas desde os modos de vida e a práxis econômica do movimento franciscano, exige perceber nos textos, pontos de encontro entre as necessidades vividas naquela época de transição de período histórico, da idade média à idade moderna, e os complexos desafios contemporâneos da *pluriversidade*, vividos hoje. A proposição moral e, consequentemente, valorativa de modos de vida enraizados no cuidado com o meio ambiente, aqui filosoficamente caracterizado como casa comum, tem a intencionalidade política de reconhecer que habitamos, enquanto humanidade, este mesmo planeta, que os saberes que compartilhamos devem corroborar para uma coabitAÇÃO sustentável e feliz da Terra, vista aqui, para além da linguagem dos recursos, como um dom, portanto como um presente a ser cuidado, respeitado e aprimorado para o bem viver das presentes e futuras gerações.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste modo comunitário de compreender e viver a economia, tem-se enfatizado uma linguagem fortemente valorativa, reconhecendo que o quantitativo monetário, que tradicionalmente representa o fundamento da economia civil dos países, representado no PNB, não pode resumir a eficiência da economia. A aproximação entre ética e economia exige reconhecer fundamentalmente que os valores humanos, formados na vida comunitária, consolidados a partir de vivências de perdão mútuo compreensão e solidariedade são considerados bens comuns, imateriais. É possível afirmar que, na vivência comunitária da economia, as *capacidades* humanas (SEN, 2010) são as principais e imprescindíveis fontes de valor, através das quais as pessoas aprimoram-se a si mesmas, ao mesmo tempo em que, comunitariamente, podem vir a atribuir maior valor e sentido ao tecido social de economias civis que cuidem das pessoas e da casa comum. O reconhecimento e o aprofundamento de filosofias do bem viver laicas, ao mesmo tempo que atentas ao ecumenismo e às diversas formas de se viver caminhos de espiritualidade, é um passo importante para recobrar o vínculo das pessoas entre si, ao mesmo tempo em que recuperam a mística e um sentimento genuíno de cuidado com a terra e todos os seres que fazem dela a casa comum de todos os viventes.

O documento que sintetiza os valores de uma pessoa ao final sua vida é seu testamento, sendo o principal registro da herança que alguém pode deixar a seus filhos e, ou, seguidores. Motivados por essa máxima, apresentamos desde uma leitura e meditação do Testamento de São Francisco de Assis, algumas reflexões que podem trazer respostas ao conceito de valor nos dias de hoje. O reconhecimento das pessoas como dons para a vida comunitária, o valor de uma espiritualidade aberta ao mundo e consciente de que a boa intenção é capaz de alcançar grandes efeitos, além do reconhecimento do trabalho pessoal como condição para a efetivação da boa vida, convivida em comunidade. Ao final, reconhecemos aquilo

que, para o irmão de Assis, vem em primeiro lugar: a disposição interna que estabelece o reconhecimento ético daqueles que são os últimos da sociedade. Narrado de forma estética, o Testamento apresenta uma mudança profunda de vida, em que o amargor sentido ao ver os sofredores que carregam a sua cruz, torna-se doçura, ao compreender a presença do próprio Cristo que aproxima o seu coração ao coração da humanidade.

Para fins de aprofundamento e fundamentação de uma ética da vida, que está intimamente ligada à vivência de valores comunitários, o texto vale-se da interpretação da obra “A Árvore da Vida”, de São Boaventura de Bagnoregio. Na obra que fundamenta uma filosofia da comunidade viva, aproximando os escritos dos primeiros séculos à tese contemporânea acerca da ecologia integral, a dimensão espiritual da ecologia cristã que ensina que “a casa a reparar diz respeito a todos nós” (FRANCISCO, 2015). Na espiritualidade e na filosofia franciscana, o significado da custódia dos *bens comuns* é o fundamento desta economia e a condição necessária para realizar a capacidade humana de sonhar, planejar e cultivar projetos fraternos de vida, desde cada território.

Apresentados os fundamentos deste modo ético de viver a economia, comprehende-se que o limite epistêmico presente na dicotomia entre sujeito e objeto, que influencia a ciência moderna, reflete-se na monetização dos produtos, categorizados como mercadorias, com um preço relacionado à troca, submetido às situações de demanda e oferta, em relações econômicas competitivas em todos os níveis, da produção ao consumo. Na economia de mercado, inflaciona-se o valor de troca, em detrimento do valor de uso. O valor de uso de um dom da natureza, ou mesmo de um bem imaterial relacional, é quantificado em um valor de troca. Os dons se tornam produtos e a monetização de todas as coisas inverte a lógica dos valores, se negligencia não só o que se chama de bem-estar, mas se transforma em mal viver o sagrado bem-viver das pessoas e suas comunidades, em incontáveis lugares imprescindíveis para muita gente simples. Nesta inversão dos valores, impera a lógica do caçador, da força, que tem marcado a história da economia colonial em muitos tempos e lugares.

4. CONCLUSÕES

O estudo e reflexão a partir desses aportes teóricos permitem afirmar que, para além do conceito de *autointeresse*, tema amplamente debatido pela, assim chamada, economia do bem-estar (SEN, 1999), existem e subsistem motivações morais, também razoáveis, que ampliam e dão substância moral ao papel do agente na escolha social, além de serem capazes de dar robustez, fundamento e aplicabilidade ao valor de economias a serviço da vida. A ética na economia de Francisco e Clara ressoa do chamado a resgatar a alma solidária das sociedades, desde uma dimensão global, interconectada, enquanto plural, diversa, historicamente situada neste tempo, formada por pessoas participantes do trabalho, do cuidado, da partilha e da comunhão dos frutos de tantas histórias, que se entrelaçam neste jeito sinodal de compartilhar horizontes em comum. Neste sentido, tanto São Francisco de Assis, que em seu tempo reconstruiu a Igreja de Cristo, quanto Francisco de Buenos Aires, bispo de Roma, nosso grande inspirador, nos ensinam a compreender o valor de uma economia a serviço da vida.

Em Francisco e Clara de Assis, o valor do trabalho e a firme vontade de sempre trabalhar, demonstram o poder da criatividade, a saber, das obras das próprias mãos, desde as quais cada pessoa é capacitada a servir e cuidar dos bens comuns, colocando-os a serviço do bem comum da humanidade. A Economia de

Francisco e Clara tem valores criativos, quando sabe reconhecer a singularidade do particular para a perfeição do todo, ao mesmo tempo em que aprende do todo, desde a realidade de cada um. O trabalho constrói na terra, lugares de pertencimento, onde a economia social e civil é vivida na aproximação entre as pessoas. Trabalho, na visão franciscana, é gratuidade, porque é dom poder servir aos irmãos em mutirões da solidariedade. A esperança apresentada por Clara de Assis em sua terceira carta à sua coirmã Inês de Praga é a certeza confiante e alegre de avançar com cuidado e boa disposição, o *caminho da bem-aventurança*, ou seja, de um caminho de virtude, com horizonte de esperança.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOSTA, A. **O Bem Viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos.** São Paulo, Ed. Autonomia Literária, Elefante, 2016.
- BOAVENTURA S. **Árvore da Vida, em Obras Escolhidas.** Org. L. A. De Boni. Caxias do Sul, Ed. Liv. Sulina, 1983.
- Chardin, P. T. **O Meio Divino, ensaio de vida interior.** Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2010.
- DUSSEL, E. Ética da Libertaçāo, na idade da globalização e da exclusão. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2012.
- FEDERICI, S. **Calibā e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva.** Tradução de coletivo Sycorax. São Paulo, SP, Editora Elefante, 2017.
- FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2014.
- FRANCISCO, P. **Carta Encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum.** São Paulo: Paulus Editora; Edições Loyola, 2015.
- HOUTART, F. **Dos bens comuns ao bem comum da humanidade.** Fundação Rosa Luxemburgo, Bruxelas, novembro de 2011.
- MANCUSO, S. **Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro.** São Paulo, SP, Ed. Ubu, 2019.
- MARX, K. **O Capital**, I. Rio de Janeiro, RJ, Ed. Civilização Brasileira, 1971.
- PRIMAVESI, A. **Manejo Ecológico do Solo.** São Paulo, SP, Ed. Nobel, 1979.
- PUTNAM H. **O colapso da verdade e outros ensaios.** Aparecida, São Paulo, Ed. Ideias e Letras 2008
- SEN, Amartya. **Sobre ética e economia.** Tradução de Laura Teixeira Motta. 5^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. **Desigualdade reexaminada.** Tradução e apresentação de Ricardo Doninelli Mendes. Rio de Janeiro, Record, 2001.
- _____. **Desenvolvimento como liberdade.** Tradução de Laura Teixeira Motta. 4^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____; KLIKSBERG, Bernardo. **As pessoas em primeiro lugar: a ética do desenvolvimento e os problemas do mundo globalizado.** Tradução de Bernardo Ajzemberg, Carlos Eduardo Lins da Silva. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____. **A ideia de justiça.** Tradução de Denise Bottmann, Ricardo Doninelli Mendes. 4^a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- _____. **Identidade e violência: A ilusão do destino.** Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Iluminuras, Itaú Cultural, 2015.